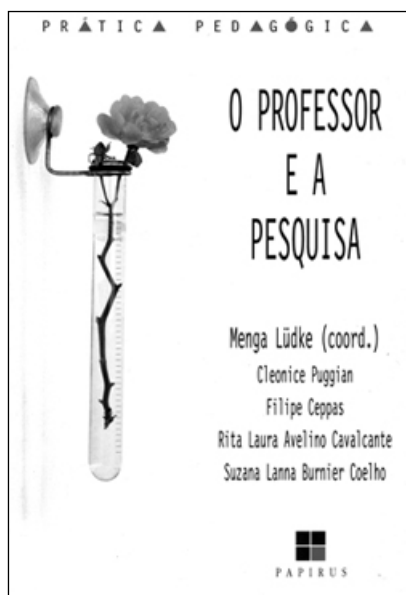


EM BUSCA DE UMA PRAXIS DIALÓGICA, REFLEXIVA E CRÍTICA

Ralph Ings Bannell*



LÜDKE, Menga (org.) *O professor e a Pesquisa*. Campinas: Papyrus, 2001. 112p.

A idéia de que o professor deveria ser um prático reflexivo ganhou tanta importância nas últimas décadas que virou *um conceito central na formação de professores. Entretanto, apesar da atenção dada ao conceito de prático reflexivo, bem como à pesquisa como princípio educativo, não há consenso sobre o que é reflexão no trabalho do professor e se o professor deveria ser um pesquisador para se tornar um prático reflexivo. Estas questões ainda estão em aberto. Também falta informação e estudos sobre a pesquisa feita pelos professores da educação básica, no Brasil: qual pesquisa está sendo feita, por quem e com quais conseqüências para o trabalho e o saber docente? É essa lacuna que esse livro ajuda a preencher através de um estudo de quatro escolas da rede pública que incluem

pesquisa por parte de seus professores como elemento oficial de seu projeto pedagógico. O objetivo não foi fazer um mapeamento de pesquisa nas escolas públicas como um todo, mas, através de um estudo de ambientes escolares supostamente favoráveis à pesquisa, tanto em termos de infraestrutura e apoio institucional quanto em termos de uma cultura escolar que valoriza e incorpora a idéia do professor pesquisador, avaliar se há professores exercendo atividades de pesquisa, em que consistem essas atividades e como o professor pensa sobre a questão de ser pesquisador. Essa estratégia ofereceu a oportunidade de analisar não somente as condições necessárias para a pesquisa ser incorporada ao trabalho docente mas, também, o próprio conceito de professor pesquisador e a relação entre reflexão e pesquisa.

Depois de um capítulo introdutório que apresenta a pesquisa na qual o livro está baseado, os dois capítulos seguintes analisam o conceito de professor pesquisador e a relação entre teoria e prática, bem como a articulação entre pesquisa, reflexão e crítica. Esses capítulos são seguidos por mais três, que apresentam e refletem sobre as condições para a prática de pesquisa nas escolas investigadas, a questão da formação para a pesquisa dos professores da escola básica e as concepções e tipos de pesquisa desenvolvidos pelos professores dessas escolas. Como tal, o livro é uma valiosa contribuição não somente para o tema do professor pesquisador mas, também, para debates sobre a formação do professor, gestão escolar e prática pedagógica na sala de aula.

O primeiro capítulo levanta uma discussão, a partir do trabalho de vários autores associados com o movimento do prático reflexivo, como Stenhouse, Schön, Elliott e Zeichner, sobre a necessidade de ir além do modelo interpretativo da pesquisa na direção de uma crítica ideológica que

*Doutor em Teoria Social e Política. Professor da PUC do Rio de Janeiro.

desafia maneiras tradicionais de pensar a relação entre teoria e prática, os saberes docentes e a produção de conhecimento pelo professor. Como se sabe, o fundamento filosófico geralmente privilegiado para defender tal perspectiva é a Teoria Crítica e sua rejeição da racionalidade técnica a favor de uma racionalidade dialógica (ou comunicativa, na versão de Habermas) e é a partir de uma discussão dessa perspectiva, no trabalho de Carr e Kemmis, que os autores defendem a necessidade da pesquisa ser, nas suas palavras, uma “*práxis* dialógica, reflexiva, crítica e transformadora” (p. 34). Um mérito do livro é levantar, mesmo que superficialmente, os problemas associados à concepção de crítica implícita na Teoria Crítica, especificamente a crítica ideológica como mediador do diálogo entre diversos discursos e concepções de professores. Os autores optam por defender que “a única saída possível é o diálogo, e o diálogo que incorpore sistematicamente um número cada vez mais ampliado de atores, de discursos e de concepções” (p. 34), mas, cabe perguntar: Qual concepção de diálogo pode incorporar o pluralismo enquanto oferecendo um ponto de vista onde todas as crenças e concepções dos professores podem ser problematizadas?

As relações entre prática reflexiva e pesquisa são complexas. Outro grande mérito desse livro é de explorar e mostrar essa complexidade, problematizando essas relações. Com cuidado e consciência da complexidade da discussão, os autores oferecem uma análise dos aspectos da estrutura da prática reflexiva, a partir de uma discussão do trabalho dos autores citado acima, bem como uma discussão muito interessante sobre os conceitos de pesquisa e de professor pesquisador, através de uma discussão de autores como Demo, Beillerot e Hammersley (curiosamente desenvolvida na conclusão do livro). Sem dúvida, essa comparação entre os elementos de uma prática reflexiva e a pesquisa é um dos aspectos mais interessantes do livro, que enfatiza a necessidade de “um radical questionamento epistemológico da pesquisa educacional” (p. 49). No decorrer desta discussão, o que está problematizado é o próprio conceito de pesquisa educacional, sua lógica e sua cientificidade, especificamente no que se refere à pesquisa feita pelo professor sobre sua própria prática. Isto é de maior importância, dado o fato que, como os autores dizem, “falar em produção de conhecimento pelo professor ainda é *tabu*” (p. 30). A discussão é cuidadosa e equilibrada, avaliando os prós e os contras de cada perspectiva discutida, mas argumentando em favor da necessidade de critérios para avaliar uma prática como reflexiva. No final, os autores argumentam que “a prática reflexiva parece *demandar* uma prática *metódica e coletiva* de pesquisa como um de seus instrumentos fundamentais” (p. 57). Sem privilegiar nenhum método específico de pesquisa, os autores claramente favorecem o enfoque de “reconstrução social” que, segundo Zeichner, “acentua a reflexão sobre o contexto social e político da escolaridade e a avaliação das ações na sala de aula quanto à sua contribuição para maior igualdade e para uma sociedade mais justa e decente” (p. 56).

Mas acontece pesquisa nas escolas de ensino básico investigadas? Qual pesquisa está sendo realizada? Quais as condições necessárias para desenvolver pesquisa e, conseqüentemente, sustentar a prática reflexiva? Respostas a essas perguntas são elaboradas nos últimos capítulos do livro, a partir de uma concepção histórica de formação humana que destaca “o foco das instituições e nas relações sociais em seu cotidiano como formadoras privilegiadas de professores e alunos” (p. 60), com o objetivo de analisar “o tipo de formação para a pesquisa que estava sendo concretamente viabilizado” (p. 60) nas escolas investigadas. A ênfase, nesse estudo, nas “condições envolvidas na materialidade dos processos escolares como formativos” (p. 73) é de maior importância para compreender as possibilidades da formação do professor reflexivo em cada contexto educacional. A análise revelou uma enorme variedade de concepções e procedimentos, bem como estímulo, acompanhamento e condições para sua prática. O que merece destaque são as condições para realizar

pesquisa, tais como infra-estrutura física, apoio financeiro, tempo, contrato e regime de trabalho, e a “fraca formalização da pesquisa (nas) escolas” (p. 64), entre outras. Apesar do interesse e compromisso dos professores para realizar pesquisas, e as experiências formadoras encontradas, são frequentes experiências “deformadoras”, enfatizando os desafios enfrentados para a concretização do professor pesquisador na escola e, portanto, a reflexão e a crítica.

Esse pequeno livro levanta um grande número de questões teóricas e práticas sobre o papel de pesquisa na formação e na prática do professor, e merece ser lido por todos preocupados em melhorar a qualidade do ensino básico.